

Museu Worikg e as mulheres Kaingang¹

Worikg Museum and the Kaingang Women

Dirce Jorge Lipu Pereira²Susilene Elias de Melo³

DOI 10.26512/museologia.v10i19.36180

Resumo

O Museu Worikg é uma iniciativa de três mulheres indígenas de uma mesma família de Kaingang, cujo propósito de vida é lutar pela causa indígena e divulgar sua cultura Kaingang. O Museu Worikg nasceu desse propósito. Construído com muita força de vontade, hoje ele recebe regularmente a visita de escolas, educadores e visitantes ocasionais. O acervo pertencia a Jandira Umbelino, cujo nome indígena era Nhã Nhaty, matriarca da família falecida há quatro anos. Lá, além dos objetos do acervo, está presente aquilo que não se toca, apenas se sente. Está localizado na Terra Indígena Vanuíre, no município de Arco-Íris, oeste do estado de São Paulo.

Palavras-chave

Museu Worikg. Kaingang, SP.TI Vanuíre. Mulheres Kaingang.

Abstract

The Worikg Museum is an initiative of three indigenous women from the same Kaingang family, whose purpose in life is to fight for the indigenous cause and spread their Kaingang culture. The Worikg Museum was born for this purpose. Built with a lot of willpower, today it is regularly visited by schools, educators and occasional visitors. The collection belonged to Jandira Umbelino, whose indigenous name was Nhã Nhaty, matriarch of the family who died four years ago. There, in addition to the objects in the collection, there is something that is not touched, just felt. It is located in the Indigenous Land Vanuíre, in Arco-Íris, west of the state of São Paulo.

Keywords

Worikg Museum. Kaingang, SP.TI Vanuíre. Kaingang women.

O que é museu e o trabalho das guerreiras Kaingang

Dirce Jorge Lipu Pereira: Boa tarde. Tô feliz de estar aqui hoje, na semana das mulheres guerreiras e agradeço também as parceira da Rede [São Paulo de Memória e Museologia Social], nós continua com essa Rede aí firme e forte e também os parceiro homens que tá aí nos dando força também.

Pra falar sobre mulheres guerreiras, não é fácil, porque nós tivemos que enfretá também bastante preconceito. Muitas vezes, as pessoas acham que dentro de uma reserva indígena não tem preconceito, mas tem também, de primeiro, agora não, nós têm a nossa voz agora. Mas, quando a gente participava de uma reunião, a gente só ouvia, mas a gente não podia nem dá palpite. Mas hoje é

1 Debate Museus indígenas, Museologia indígena - o protagonismo das mulheres em São Paulo. As Kaingang responderam as perguntas feitas pela plateia presente. Semana da Mulher Indígena no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), 10/03/2020. Transcrição de Monik Dafani Dantas, revisão final de Marília Xavier Cury.

2 Dirce Jorge Lipu Pereira é Kujã (pajé Kaingang). É gestora e curadora do Museu Worikg. <https://orcid.org/0000-0003-3587-5117>

3 Susilene Elias de Melo é assistente da Kujã. É gestora e curadora do Museu Worikg. <https://orcid.org/0000-0003-3805-2570>

diferente, hoje nós samos umas guardiã da cultura, da cultura Kaingang e se não fosse as Kaingang, não teria cultura!

A cultura estava adormecida por muitos anos. Já tá com 23 anos que nós acordemo a cultura. Então foi muita luta, a luta foi muito grande pra nós acordá a cultura, porque nós tivemos que recomeçar desde o começo. Desde quando uma criança começa a andar. Então nós tivemo que fazer tudo, assim, tudo praticamente de uma vez, porque durante o dia nós ia fazer pesquisa cá nossas mais velhas, que é a Candire⁴, pra gente saber que instrumento a gente ia pode usar na nossa cultura. Então a gente tinha que saber roupa, material pras peças pra dança que é os instrumento, a gente tinha colar, então a gente foi pegando tudo, foi aprendendo. Hoje eu falo que toda essa luta, muitos não acreditava, muitos Kaingang chegava e falava e falava pra mim “Dirce, você não vai consegui”. Hoje eu provei pra eles que eu consegui e já tá com 23 ano que eu tô à frente da cultura. Não só à frente da cultura, mas tamos também com o Museu Worikg, uma grande índia guerreira – Worig. A Worikg foi a índia que povoou a Aldeia Vanuíre. A Worikg, praticamente todos que mora lá tem sangue Worikg. Por isso nós fizemos o Museu em homenagem à Worikg. Então, é, foi um trabalho imenso e tá sendo ainda pra nós. “Tá sendo fácil, Dirce?” Não. Porque coisa fácil não cresce.

A minha mãe, a minha mãe⁵ sempre falava “Dirce, não tem problema” como a minha mãe, a Candire, que sempre foi uma pessoa que lutou pra ter a cultura da nossa aldeia Vanuíre, elas falava “Não importa, quantos Kaingang vai ter dentro da cultura, o importante é ter a cultura”! O importante é vocês entoá o cântico Kaingang. Então, não importa se tem 5, se tem 2 ou se tem 3, mas a terra é Kaingang. Então, hoje nós tamos com 14 integrante dentro da cultura, a gente tá com essa luta, não adianta. Eu falo assim, que tem uma aldeia inteira e as pessoa quando vai fazer visita pergunta “Quantas pessoa?” e eu falo “Quatorze” e eles fala assim “Mas só?” E eu falo assim “É 14 mas pé fincado. É 14 pé fincado no chão. É 14 guerreiro que a gente tem” porque nós estamos ensinando eles, nós tamo ensinando a eles a cultura e tudo o que tem dentro da cultura: os costume, língua, tudo, cântico, tudo a gente ensina, é homem e mulher que nos temos. Hoje eu não falo criança porque nossas criança já tá com 12, 11, 14, tem 15, outras têm 14, 12 anos. Então, eles tão aprendendo também, como fazer instrumento, como fazer comida típica, porque não é só a mulher que vai fazer a comida, também não é só o homem que também vai buscar, a mulher vai buscá, ajuda a fazer, então, ali a gente trabalha em conjunto. A gente trabalha todo mundo junto. Quando é pra construir também a nossa casa sagrada, quando é pra reformar o Museu Worikg, todos estão reunido. Lá em casa a gente faz, as nossa comida lá, todo mundo come junto e todo mundo trabalha junto, é criança batendo sapé, entregando sapé, buscando bambu pra poder, então, que dizer então que a gente tá ensinando eles a manter a cultura.

O nosso Museu Worikg pra nós é muito importante, mas muito importante mesmo. No entanto que muitos não achavam, eu sempre quieta no meu canto, mas eu sabia que era, mas todos achava que a escola seria o coração da aldeia. Mas não é. Mas não é. O coração da aldeia é o Museu porque é aonde o Museu guarda toda a história, toda a história da aldeia. E toda nossa história lá. Olha só, hoje nós estamo aqui no MAE [USP] e quem guardou a nossa história? Foi o museu, coisas que nós não conhecia, hoje nós conhece. Então a gente

4 Maria Cecília de Campos.

5 Jandira Umbelino.

O Museu Worig e as mulheres Kaingang

agradece muito mesmo por ter os guardião não indígena que guardou com muito carinho as nossas peças porque se não, nós não conheceria. Então eu falo que o Museu Worig, nós temo a nossa trilha também, os nosso parceiro que já conhece muito também o nosso trabalho, pra que a gente possa andar na trilha, pra poder os visitante ir na trilha pra escutá os cantar do passarinho, pra gente ir explicando as folhas, as árvore pra que serve. E tem as folha de tutó onde a gente assa peixe, então tudo a gente faz a explicação.

Mas, nós estamo aqui por causa do Dia Internacional das Mulheres. Nós mulheres indígena tamo aí na luta e vamo continua na luta, porque é que nem eu falei, se fosse pra depender dos nossos Kaingangs homens, nós não estaria hoje cantando e falando da cultura, entendeu? Porque nós mulheres é que samos que parimos, nós tamo cuidando das nossas criança e cuidando da nossa criança, cultura e nosso costume.

Então, por isso que eu falo que hoje, a aldeia ela é rica com cultura, porque não adianta eu falar a minha língua mãe, se eu não tenho cultura. Tudo faz parte. Tudo faz parte, é cultura, é costume, é alimento, tudo caminha junto. É isso, eu falo com o maior orgulho, nós temos o nosso Museu Worig, é o nosso Museu, é tradicional, é o Museu onde você pode entrar descalço, pé no chão, é chão, é terra, é sapé, é bambu, não é feito de material.

Quem não conhece, pode até conhecer, pode fazer visita pra gente que a gente recebe os visitante na nossa aldeia. E também, até conhecer a nossa comida típica, se quiser pernoitar pode, pra quem não pode voltar no mesmo dia, indo pra lá a gente sabe que a pessoa se desloca pra conhecer uma aldeia indígena, quer conhecer também a comida típica, quer saborear a comida típica, então a gente também faz isso.

De primeiro a minha mãe não deixava, a minha mãe, a minha vó, não deixava a gente mostrar a comida típica. Quando a gente tava comendo, a gente servia pessoas ou nós escondia, pra comer escondido ou então nós guardava nossos prato e pronto, pra ninguém ver o que nós tava comendo, pra ninguém fazer perguntas, “O que é isso?” Então a minha mãe ela foi assim bastante..., ela guardava as coisa muito bem guardada, era uma guardiã mesmo, guardava mesmo as coisas. Então eu conversando com ela falei “Mãe, mas a gente precisa de mostrar”, a gente precisa mostrar pras pessoa que não conhece, muitas pessoas hoje eles pergunta, eles acha que indígena são todos iguais, mas não são.

Cada povo tem o seu costume, cada povo tem o seu idioma. Não falamos todos iguais. Então, Kaingang tem a sua língua mãe, Terena, Guarani, todos fala diferente, se eles conversa eu não vou entender e se também eu falá eles não vai entender. Então, eu também sou casada com um Tereno e se ele conversa com a mãe dele, eu não entendo. E se eu converso com a minha filha, ele também não entende. É mais fácil assim, ô, você fica tranquilo que eu não tô falando de você e eu sei também que você não vai falar de mim. Então é isso.

Então a gente tem a nossa língua mãe e eu converso com as minhas criança em casa, que é meus neto, eu só falo no idioma com eles, porque se eu não falo no idioma também eles não vão aprendê. Porque na escola aprende outras coisas que os professores ensina, mas aprende-se dentro de casa, desde comida típica, falar o idioma, cantar, tudo que seja nosso, a gente que tem que ser o professores deles, a gente que tem que ensinar.

Por isso que eu falo, nós teve muitas guerreiras lá, a Parané, uma grande mulher, que tecia, fazia kurucutchá, com gravatá. Tem muitas guerreiras que a gente tem uma grande honra de sair e falar delas, que elas foram mesmo umas

grande guerreira. E hoje, a gente luta também por elas, porque ela deixô e a gente tem que ter continuação, só é uma pena porque tem coisas que não dá pra gente continuá, que já ficou pra trás, mas o que nós temos nós tamo continuando. É isso, vou deixar um pouco a minha filha falar.

Susilene Elias de Melo: Boa tarde, meu nome é Susilene, eu vou falar um pouquinho do que é museologia pra mim.

É, lá dentro da reserva, a gente tem um Museu que é o Museu Worikg que a minha mãe acabou de falar. O Museu Worikg é um museu diferenciado, é um museu com a cara de Kaingang. A gente recebe visitaçõ o ano inteiro, as visitações lá são agendadas, então não adianta falar assim “Ah, eu vou lá visitar o Museu Worikg, vou chegar lá e visitar”. Não, todas as visitações lá são agendadas. E se quiser ir pra sentir mais, aprofundar mais na espiritualidade, no que a gente bebe, na comida, eu falo assim que é melhor que chegue lá e que fica uma noite ou duas que seja, pra gente acender o fogo, assar uma batata, fazer uma comida típica, pra gente sentar em volta da fogueira e conversar.

Pra mim, quando chegou museu, eu entendia que museu era pra guardar coisas velhas. Mas a minha vó passou um novo entendimento e a Professora Marília [Xavier Cury] também chegou na aldeia e foi mostrando pra gente o que é museu e qual a importância de se ter um museu dentro da terra indígena.

Eu, com todo esse passado de tempo, falo assim que todas as peças que tem dentro do Museu Worikg foi guardado pela minha vó [Jandira Umbelino], uma grande mulher, uma grande guerreira, que nem minha mãe falou que não sabia o porquê de guardar as peças. Então eu falo assim na Semana das Mulheres, que é muito importante a gente falar de uma grande guerreira que guardou as suas peças pra hoje tá em exposiçõ dentro do Museu Worikg.

Lá a gente tem também a trilha, quando a pessoa chega no nosso Museu, vai fazer a visitaçõ da exposiçõ, vão fazer a trilha junto com a gente, e cada ponto da nossa trilha a gente tem uma parada de explicaçõ, o que que tem, como que foi preservada, de que jeito que foi preservada, a importância pra nós lá. E incluir as criançãs também junto com a visitaçõ. Quando a gente tá ali, a gente leva eles também. Então um explica e outro fica ali do lado, tá sempre acompanhado.

É muito importante também deixar bem claro, pra todos, que o nosso Museu é pra guardar memórias e também pra ajudar na nossa sustentabilidade, então lá a gente coloca todo artesanato, então a gente produz o artesanato, coloca lá nosso artesanato pra venda.

O nosso Museu antes, as pessoas chegavam, visitavam, e a gente pedia 1kg de alimento por pessoa. Hoje a gente não faz mais isso. Por quê? Porque teve vezes de chegar alimento que já tinha vencido ou então litro de leite que já tava pra vencer e é onde que a gente não utiliza. Conversando com a minha mãe, a gente viu a necessidade que era melhor a gente cobrar uma entrada. No ano passado e o ano retrasado, a gente cobrava 5 reais. “Ah, mas você cobra pra visitar o Museu?” A gente cobra, sabe por quê? Porque lá o trabalho que a gente faz, eu fico o dia inteiro, a minha mãe fica o dia inteiro, a gente não tem apoio de prefeitura, a gente não tem apoio do Estado, se o Museu Worikg tá de pé é porque são mulheres guerreiras que têm força de vontade de trabalhar. E eu agradeço imensamente ao esposo da minha mãe, o Márcio [Lipu Pereira Jorge], mas quando ele casou com a minha mãe, ele não tinha entendimento nenhum, mostrou pra gente que ele não tinha entendimento nenhum, assim, de

O Museu Worikg e as mulheres Kaingang

como fazer um artesanato, de pegá e montá a arcada de uma cabana. E hoje eu falo assim que tudo lá, eu falo assim, é os encantado, aí é essa parte que a gente envolve a espiritualidade, porque eu falo assim que se não mostrar pra ele em sonho como que é que ele vai monta? Se não mostrar pra Dirce, se não mostrar pra Susi, como é que você vai trabalhar? Como é que você vai sentir de como que vai ser feito? Então eu falo assim que é muito importante.

E deixar pra vocês aqui, que o Museu Worikg pra nós é um Museu de cura. É um Museu que quando a pessoa chegar lá, pode tá detonado, ele pode chegar lá e ele pode sentir, “nossa, eu não aguento mais levantar meu braço, eu não sei mais o que que eu vou fazer,” você chega lá você tira o seu calçado ou pode entrar calçado do mesmo jeito – porque eu falo assim que lá, a gente não tem dessa, assim, de falar assim ou você tá calçado ou você não tá –, senta em volta do fogo ou então pega a cinza e passa a mão porque o Museu pra nós é cura. Então eu falo assim que tudo que a gente veve, lá dentro do nosso espaço, pra mim eu falo assim que eu vivo museu e respiro museu e tudo, tudo pra mim é museu.

Quando a gente começou a madurecer a ideia de museu, eu ficava pensando “Nossa, mas como que vai ser? Será que eu vou ter que ficar colocando uma vitrine? Será que eu vou fazer isso? Será que eu vou fazer aquilo?” Não. Eu falo que a nossa vitrine lá, ela é feita de bambu, pra fazer a nossa exposição, pra montar a nossa exposição. Muita das exposição a gente coloca um balaio aqui, um cesto aqui, um chapéu lá e tá tudo certo pra nós. Ele nunca é montado sempre do mesmo jeito, até porque eu não tenho uma regra pra isso de ficar “Ai, monta desse jeito, faz daquele jeito”, não, ele vai ser do jeito que eu quero hoje, do jeito que eu tô colocando hoje ou então do jeito que a minha Kujã (Dirce Jorge) tá querendo hoje. Então não tem, a gente não tem um padrão assim de ficar sempre naquela mesma regra.

A gente faz a noite cultural, a gente prefere fazer sempre na lua cheia, que é a lua da prosperidade pra nós, essa semana é uma semana muito importante, que é a semana da lua cheia, pra nós.

A gente não faz ritual [durante a quaresma], então eu falo assim, teve momentos aqui dentro do MAE [USP] que, pra nós, que trabalha com a espiritualidade é muito forte, é um momento que você se desgasta muito, fala dos remanescente [humanos]. É porque na semana, no mês de quaresma, a gente não trabalha, é o tempo de descansá, é o tempo de ficá, refleti, todo o ano, então esse daí é um momento que a gente guarda. Eu falo mas em especial, o convite da gente tá aqui no MAE, então tem coisas que a gente precisa falar, é preciso mostrar. É preciso colocar pras pessoa refletir também, mas vê também que a gente não faz as coisa adoidado, tudo tem um tempo certo pra esperar.

Mas a gente também trabalha pra fora quando a gente é convidado, as escolas também quando agenda pra vim dentro do Museu Worikg eles vêm, faz a visitação, mas a gente também é convidado pra apresentar nas escola, também é agendado, tudo é agendado. Se a cidade também tá fazendo aniversário a gente pega, eles entra em contato e a gente vai lá. Então tudo é com agenda.

Outra coisa também que eu queria falar pra vocês é que assim, a reserva técnica. Hoje eu escutei a professora Marília falando da importância muito grande de ter uma reserva técnica boa. Lá a gente ainda não tem a nossa reserva técnica, mas a gente tem um quarto na casa da minha mãe, é onde a gente colocou todas as peças com armário, tudo certinho, bonitinho, ainda não tão etiquetadas do jeito que tem que ser. Por quê? Porque lá a gente trabalha eu, a

minha mãe, o Márcio e agora tá a minha irmã [Lucilene de Melo]. Eu falo assim, tudo tem que ser no tempo certo e na hora que a gente tá mais sossegado pra poder conseguir fazer. E tudo tem que ser pensado, porque cada peça que tá lá tem uma história, ela tem um porquê de tá lá. Eu acredito que não vai ser tão difícil fazer isso, porque são peças da minha vó e peças que tão chegando, que a gente ganha. Quando a gente vai visitar um museu pra fora ou então quando a gente vai, que nem a gente foi num fórum de museus que a gente recebeu algumas peças de lá e a gente trouxe, aí a gente já sabe a data, a pessoa, nessa parte aí eu falo que a gente já tem bem uma organização.

O Museu Índia Vanuíre, eles apoiam a gente nessa parte, como a gente não tem muito entendimento de documentação e é preciso, porque eu não vou ficar pra semente e nem minha mãe, então tem que ali tá tudo ali certinho, tudo registrado. As meninas lá [do museu] dão um grande apoio pra gente e é onde que elas vêm, conversa, e aí ajuda no que a gente precisa. Então é isso e quem tiver alguma dúvida depois a gente vai respondendo.

O museu e seu o acervo, a Worikg e seus descendentes - luta, trabalho e memória

Susilene Elias de Melo: Quando chegou a ideia do Museu foi com a minha irmã, é a professora Marília tava junto. Eu acredito que foi numa ida que foi pra Pernambuco, né professora? E lá surgiu a ideia do museu. Ela chegou, quando ela chegou com a ideia em casa, eu fiquei surpresa, ela falou “Aí, vamos fazer um museu?” e eu fiquei “Museu? Nossa, mas como que a gente vai fazer um museu?” E aí, o mais rápido possível a gente abraçou a ideia. Abraçou a ideia, mas a gente não sabia como ia fazer. Mas eu falo assim, que foi tão bem encaminhado que aí conversando a gente sentou, a gente conversou, eu, minha mãe e ela, aí a gente foi vendo, e a professora Marília também foi mostrando pra gente qual o caminho, da cerâmica, do que, é peças pra tá dentro do museu.

Mais, a parte triste é que a minha vó faleceu. Então a minha vó faleceu, logo em seguida a minha irmã foi pro Paraná, fazer uma pesquisa lá no Paraná com os Kaingang de lá e ficou eu e minha mãe. E a gente ficou “Como a gente vai fazer agora?” Foi falado do museu, então é preciso mostrar o museu, porque quando se fala do museu, fala mas mostra. Porque não adianta você ficar só ali, moendo, moendo, esse é o museu, esse é o museu, esse é o museu e não mostrá o que você tem pra mostrar. Que eu posso ficar falando 10 anos “Aí, eu tenho um museu” ou então “Aí, lá dentro da reserva tem um museu”, e não mostrá ele. E a gente via a necessidade de mostrá, porque a gente recebia visita, a gente já fazia dança, a gente já fazia comida típica, a gente já hospedava pessoas dentro da nossa casa, porque quando a gente hospeda as meninas mesmo da Rede [São Paulo de Memória e Museologia Social] tá aqui e elas sabem, a gente hospeda todas dentro, então a comida que eu como elas vão comê também, as pessoas que chega na minha casa também vão comê.

Quando a minha vó faleceu, [9 de fevereiro] 2016, a gente depois de um ano que a minha vó faleceu, veio a festa do renascimento, [11 de fevereiro] 2017, [a festa dos 20 anos do grupo na cultura, 9 novembro de 2017] e a exposição do Museu Worikg. Foi muito sofrimento pra mim e pra minha mãe, porque as peças da minha vó, tavam todas amarradas, enroladas com pano, com sacola, pano de algodão, dentro de sacola, tinha peças da minha vó que tava dentro de quatro sacolas mais um paninho amarrado, o paninho já tava até se desfazendo.

Aí eu olhava assim e falava assim “Nossa, mas a vó amarrou tão bem, a vó guardou tão bem”. E quando ela guardou, quando a gente pegou, a gente não sabia o que fazer, mas eu falo assim que vêm tudo iluminado, e vai mostrando pra você a direção do que você deve fazer, e aí a gente desembrulhou todas as peças, a gente limpou todas elas com a ajuda da professora Marília, uma hora mandando mensagem, outra hora a gente mandava áudio, e aquela, até no dia da exposição, da festa [dos 20 anos], a professora Marília tava lá ela, chegou dias antes pra ajudar, porque eu não sabia como ia montar a nossa exposição. Então com a ajuda da professora Marília a gente foi e montou a exposição, limpemos as peças, coloquemos as peças tudo em exposição.

Então eu falo assim, que se fosse depender de outras pessoas, hoje não teria o Museu Worikg. Mas aí eu vejo que foi tão abraçada essa idéia que aí veio o Museu dos Guarani Nhandewa [Aldeia Nimuendaju, TI Araribá, SP], que tá aí em processo de construção, de término da construção do Museu deles, mas aí veio a Trilha [Museu Dois Povos, Uma Luta, TI Icatu, SP]. Em seguida quando tinha um evento dentro do Museu Índia Vanuíre ou outros eventos que a gente ia e tava todos os indígena junto, aí a gente foi vendo o interesse despertá, e foram despertando e cada aldeia viu a importância de se ter um museu.

Eu falo assim como a minha mãe falou, que as pessoa achava que a escola era o coração da aldeia, mas não, o coração da aldeia é o Museu, é onde se guarda as nossas memórias, é onde que guarda a memória da minha vó, da minha bisavó, porque tem peças da minha vó que ela usava pra ritual, a gente conversando na sala de manhã, eu falei que quando uma pessoa partia que o sepultamento de muitos lá dentro da aldeia Vanuíre foram feita com suas roupas, com o que a pessoa tinha, então todas elas era levada pro sepultamento, hoje já não se faz isso.

Mas eu agradeço, certas horas, por não acontecer isso com a minha vó, porque se a minha vó levasse a cerâmica, que ela levava pra ritual, hoje não tava no Museu Worikg. A importância pra mim, pra mostrar pros meus filho, pros meus filho mostrá pros meus neto mostrá pros meus bisneto, é muito importante. E não só eles, mostrá pra todas as pessoa que passa dentro do nosso Museu. Porque cada vez, por mais pequena que ela seja, ou maior que ela seja, ela tá lá, foi feita pela minha vó, e minha vó não tá mais aqui em carne mas tá no espírito.

Então é que nem eu falei pra Dona Neusa [Umbelino] ontem também, que a Dona Neusa tava falando da cerâmica, ela doou cerâmica também na festa de 20 anos e a cerâmica tá lá. Então eu falo assim quando é um museu, a gente sabe que tá bem guardado, sabe que tá ali, ela tem história e vai ser infinitamente.

Dirce Jorge Lipu Pereira: Então você perguntou, era bem aceito o Museu... é, quando foi pra fazer o Museu, falar sobre lá, que nós ia homenagear a Worikg, como eu disse que lá praticamente todos têm sangue da Worikg.

A gente fizemos, nós fizemos reunião com nosso povo Kaingang. Então todos os Kaingang participou dessa reunião [15 de agosto de 2015]. Mas só que a gente, depois a gente acaba ficando triste, porque quando perguntava pra bisneta da Worikg, ela não sabia quem era Worikg. Nisso, eu fiquei muito triste, eu falei “Como assim? Eu também sou bisneta da Worikg”, e sei falar quem é Worikg. Mas ela falava que nunca ouviu falar de Worikg. Então, você vê como que a história tava tão apagada do nossa grande guerreira Worikg.

Eu, no entanto que, a Marília tava sempre, todos fala “a Marília, a Marília,

a Marília”, mas foi a Marília que sempre caminhou com a gente e ela estava lá no dia da história. No dia que perguntaram, ela até ficou de boca aberta também de sabê que eles esqueceram simplesmente quem é Worikg. É por isso que quando se fala de museu, isso é muito importante porque aí, a gente tem que voltar lá atrás pra vim pra frente.

O museu é muito importante por causa disso. Porque muitas vezes a história acaba se apagando por causa disso, porque a pessoa acaba não se interessando pela história. Agora tendo um museu, a gente tem que saber da história pra contar. Igual eles têm a Museu Trilha [da TI Icatu] deles, eles têm a história deles, entendeu? Como a Neusa e a Deola [Deolinda Pedro], e o esposo da Neusa [Candido Mariano Elias], abriu essa trilha, fizeram essa trilha. Os mais novos têm que tá ciente e contar essa história quando a Neusa não tiver mais aqui, quem que fez essa trilha? A Neusa, a Deola, o Cândido que abriu essa trilha, que fez o Museu Trilha. Então isso é muito importante. É por isso que eu falo que era a vó, era bisavó, mas eles não sabem a história.

Isso é dolorido demais. Então a gente fez sim a reunião com os neto da Worikg, mas só que ninguém se interessô. Mas eu falei “Não, a gente vai. Eu como bisneta, eu vou homenagear sim a Worikg”. Porque a Worikg tem que ser falada, tem que falar da Worikg. Porque a Worikg é uma grande guerreira. Então, por isso que a gente tem o Museu Worikg e o Museu foi muito bem aceito, porque é nós que coordena, nós que faz tudo com a cultura, nós cuidamo, nós zelamo, nós somos guardião de tudo que se fala em Kaingang da aldeia da Vanuíre.

É por isso que eu falo pra vocês que nós pulamo por cima das pedra e conseguimos construir o nosso Museu Worikg, nós mulheres, entendeu? E com o meu esposo que é Terena – agradeço muito a espiritualidade, por ter dado muita inteligência pra ele. Quando o meu esposo chegou que eu casei com ele, ele não sabia fazer um colar, enfiava só a sementinha no barbante, na linha. Mas hoje, com todo o reforço da espiritualidade, o meu esposo faz a casa sagrada, ele constrói, uma pessoa que não sabia fazer nada, única coisa que ele sabia fazer, falava assim “Dirce, a única coisa que sei da cultura é dançar o bate-pau”, [Hiyokena Kipâe] ele falava pra mim. E hoje ele é uma pessoa muito importante na cultura. Ele também tem história. Mas ele tem história na cultura Kaingang, porque ele aprendeu dentro da cultura Kaingang, ele aprendeu comigo. Então, eu tenho maior orgulho de falar que eu sou a professora que ensinei ele, entendeu? Pra ele valorizar mais a cultura. Hoje ele constrói, faz a nossa casa sagrada e ele que também construiu a cabana do nosso Museu Worikg. Isso é uma história muito bonita por ele ser um Terena, ele tá na luta junto com nós que somos Kaingang. Não tem homem Kaingang na nossa luta, mas sim, temos um Terena, grande guerreiro. Nós, pela espiritualidade, fizemo uma grande parceria. Nós somos parceiro em tudo, em tudo que ele faz, falar em artesanato, em tudo que ele faz sempre termina comigo, entendeu? Então é, eu quem faço o término e tudo, ele faz e eu termino. Ele é um grande parceiro. Por ajudar a construir, por ele ajudar, ele se preocupa com a trilha, se preocupa com o Museu Worikg, ele se preocupa com a casa sagrada. Nós precisa fazer a casa sagrada, porque quando chegar pessoas, como que a gente vai receber na casa sagrada, entendeu? Hoje ele tá entendendo o que é uma espiritualidade, porque ele não entendia. Hoje, ele é uma pessoa que tem a cultura dele, ele ama a cultura dele, mas também ama a minha cultura que é a Kaingang, porque ele luta junto comigo. Ele é um grande parceiro.

O Museu Worikg e as mulheres Kaingang

Quanto ao Museu Worikg, nós construímo, porque a gente fez a reunião, mas ninguém sabia a história e ninguém se interessou pelo Museu. Nós, como já tava dentro da cultura, nós já tinha tudo e falamos assim “Agora agora só falta o Museu, então vamos construir o Museu”. Veio com a ideia e nós abraçamos. E hoje, é o nosso orgulho, eu falo assim que quando chegou pra falar do Museu eu olhei e falei “Não, mas nós já temos Museu. A nossa aldeia já é o Museu, porque é História”. Então, agora, pra mostrar pro povo se a gente faz o Museu mas a aldeia já é o Museu. Chegando dentro da aldeia já, vocês estão entrando dentro do Museu, é a História, tá ali a História.

A gente tem o maior orgulho de ter conhecido o museu. O museu chegou na nossa vida, mas com uma grande história, porque eu fui muito curiosa com o museu. Porque eu não saía de dentro do Museu Índia Vanuíre. Então todos falava, a educadora falava dos indígenas, a educadora falava dos Kaingang e falava dos indígenas. Então eu cheguei com a maior curiosidade, peguei, e ela falou: “Não, vamos pra São Paulo?” aí eu escutei e falei “Vão pra São Paulo fazê o quê?” “Ah, nós vamos representar o Museu Índia Vanuíre, nós vamos falar dos Kaingang, vamos falar dos indígenas”. “Ah, vocês vão falar e eu não posso ir? Eu posso ir?” Aí ela falou assim “Você se interessa?” “Muito”, porque eu entro dentro do museu, mas eu gostaria de saber o que que faz com o museu e o quê é o museu. Hoje eu sei falar o que é o museu, entendeu? Porque eu tive apoio lá no Museu Índia Vanuíre. Tive e tenho apoio de lá, tenho apoio de cá [MAE-USP] e aprendi e continuo aprendendo.

Eu agradeço muito essas pessoas dentro do museu. Cada vez a gente aprendendo, então agora nós temos a Rede [São Paulo de Memória e Museologia Social], que eu amo também muito, são nosso parceiros, então é assim, então a gente vai caminhando.

Se a gente não tem conhecimento pra gente fica difícil. Mas eu entrei mesmo pra eu conhecer, porque eu sou curiosa. Então eu peguei e falei “Mas não, como assim? Nós já temos museu!” Porque se eu for museu, todo mundo já vai falar de nós, né? Se nós têm peça no museu, eu já sou ..., então não falta mais nada (risos). Única coisa que falta é colocar o nome Museu, e nós colocamos Worikg. Então nós estamos aí, a caminhada muito longa. É trabalho? É muito trabalho. Não é fácil, mas também não é difícil. Então é isso gente, eu agradeço muito, mas muito os museus, por hoje, por nós ter o Museu Worikg. Por eu ter conhecido museu e hoje nós temos um Museu (risos). É isso.

O Museu Worikg e a preservação da natureza

Susilene Elias de Melo: Então, só pra eu falar um pouquinho pra vocês que eu acabei esquecendo, é que lá dentro da TI Vanuíre são dois museus o Museu Worikg e o Museu [Akãm Orãm] Krenak. A nossa aldeia tem o privilégio de ter dois museus e que isso é muito importante pra nós.

Dirce Jorge Lipu Pereira: Nós têm o nosso Museu Worikg e a trilha é a que sai lá na Mina da Tonha. A trilha da Tonha é muito antiga que passa beirando a mina da Tonha, é o caminho onde nossos antigos passava por ali e sai por cima e ia pro Coiós.

E eu conversando com meu marido, ele pegou e falou: “nós vamos limpar esse caminho pra fazer a trilha pra também preservar as visitas”, assim, quando as visitas chegar, já têm um impacto muito grande, porque logo na sede na

frente é como se você entrasse numa fazenda, então a gente leva eles pra trilha e se sobe por dentro do mato e sai no Museu Worikg. Então eu falo, se vocês quiserem conhecer o outro lado da aldeia eu levo, pra conhecer diferente, onde a gente tá preservando, e onde a gente preserva a mata, onde virou uma mata, onde a gente já fala a história pra eles que é uma mata que não foi plantada pelas nossas mãos, foi pelo passarinho e pelos animal silvestre, eles carregava as frutas e ali mesmo ia nascendo pé de coco, então formou-se a mata, a gente cuida, só limpamo a trilhas pras pessoas podê passar por dentro da trilha e sair no Museu Worikg e sai do Museu Worikg passa na trilha, sai numa represa e eles sai num ônibus e sai cada um pra sua cidade.

Mas a realidade do outro lado, eles têm um impacto muito grande porque eles falam “nossa como a aldeia parece um bairro, uma fazenda”. Então, a gente passa com eles na trilha da Tonha pra sair no Museu Worikg, pra poder eles não ter esse impacto, pra eles poderem ver que a gente tá preservando a mata, onde a gente preserva, cuida.

Por isso que eu falo, questão de escola que os professores devia falar mais sobre natureza, porque ensina as crianças a fazer estilingue e matá, já foi passarinho se curar no meu quintal, nem sei o nome dele, mas é um passarinho muito bonito que uma perninha só que quebrou a perninha dele. Isso aí também tem que ser falado na aldeia, tem que ser falado dentro da escola, que nem nós da cultura tamo lutando pela preservação e a escola também tem que também falar sobre como preservar na escola, falar com os alunos, já vem a escola também pra preservar a mata, preservar a aldeia, preservar tudo e não ficar matando nem jogando lixo. É isso, também os professores deviam estar falando sobre isso. Igual nós tamo lutando pela nossa cultura, pela preservação de museu, os professores têm também o direito e têm também de ensinar a respeitar a natureza, é isso que eu falo, porque os dois caminham junto: escola e museu. Tem que ser falado, não ensinar a fazer estilingue que é feito pra machucar animal, machucar passarinho. Isso eu também acho totalmente errado, a preservação que a gente tá lutando também com a construção de casas na aldeia, eles derrubaram uma matinha que não tinha necessidade de derrubar pra construir a casa, eles deviam ter limpado só o local da construção, mas eles saíram devastando tudo e hoje só tem branqueara. Enquanto nós todos da cultura e o não indígena luta pela preservação, tem pessoas dentro da reserva acabando com a própria aldeia, isso dói, isso machuca a gente também.

Susilene Elias de Melo: Bom, vou falar um pouquinho da relação lá com os situantes, envolta da nossa reserva. Os situantes lá a gente não tem problema com os situantes, inclusive eles até apoiam a nossa luta, a nossa causa cultural. A gente na aldeia Vanuíre não tem rio que passa dentro dela e a distância fica muito longe da aldeia pra chegar no rio fica bem longe. E mas longe ainda fica pra chegar no Rio [Aguapeí ou] Feio. Onde a gente tá localizado, é, na verdade, a gente tá longe dos rios. É pra gente tirar a matéria prima pra fazer as nossas vestes, as nossas roupas de dança, é preciso a gente pedir apoio pro nossos situante. Meu esposo trabalha numa fazenda, o meu esposo não é indígena, ele trabalha numa fazenda que fica mais ou menos de distância uns 18, 20 quilômetro da aldeia. E o vizinho de lá do sítio, aonde que o meu esposo trabalha, doa a taboa pra gente pra construir as nossas veste. E isso já faz uns 3, 4 anos que ele vem nos apoiando. Eu falo assim que a importância é muito grande. Tem taboa dentro da aldeia, o que tem eu prefiro, minha mãe também prefere, preservar, pra não acabar por-

O Museu Worig e as mulheres Kaingang

que você vai tirando, você vai tirando, você vai tirando, vai chegar uma hora que não vai ter. E outra, ela chega num tamanho que ela fica mais alta que eu, então se você tirar ela menor, no final das contas pra nós vai ser prejuízo, porque a gente não vai ter. No sítio do Seu Luís, então o que que acontece? Eu falo assim que ele tem uma roça de taboa, desde o começo do sítio até o final do outro sítio do vizinho dele, e isso é importante também. Quando eu fui visitar ele, na casa dele, aí eu olhei assim bem lá longe, aí eu perguntei “Seu Luís, mas o que é aquilo lá?” Ele falou assim “Susi, aquilo lá tudo é taboa”. Nossa quando ele falou que aquilo tudo lá era taboa, nossa parecia que saia coração do meu olho, “óia, taboa”. A taboa, pra gente tecê, é que nem a gente, a gente lá não tem esteira, a gente não tem esteira porque a taboa é pouca. Nosso é um grupo de 14 pessoas, que nem minha mãe falou. Antes as crianças era mais pequena, hoje já tão tudo adulto, meu filho de 15 anos é maior que eu, então não adianta eu fazer uma saia curta pra ele que ele não vai aceitar. O grupo Krenak é um grupo de mais ou menos 40 pessoas, então pensa bem, você coloca aí 60, 50 e poucas, 60 e poucas pessoa pra tirar taboa de dentro da reserva, não vai dar conta. Então, eu agradeço aos situante, que em apoio à cultura indígena, a nossa cultura. O Seu Luís fala assim “Ô Susi, a hora que vocês querê vir buscar, você pode levar um caminhão de taboa”. Isso é muito importante, o apoio também, enquanto muitos poderia falar assim “Não, eu não vou doá”, enquanto muitos podia falar assim “Não, eu não quero que entra no sítio”, que eu agradeço a eles por isso. E todos os outros em volta, que todo o trabalho que é feito, de dança, de fala de museu, do nosso museu, tudo que envolve a cultura tem sempre um conhecido nosso, um amigo nosso, que tá lá nos apoiando e o apoio maior é quando vem o compartilhando, que a Rede [São Paulo de Memória e Museologia] Social tá aí pra isso, que eu falo assim que quando ele, o amigo vê o seu trabalho e ele faz um comentário, ele compartilha daquilo lá, eu falo assim que muito mais longe vai o nosso trabalho. Então é isso.

Referências

BABOSA, Pajé; PITAGUARY, Francilene; MELO, Susilene Elias de; PEREIRA, Dirce Jorge Lipu; MARCOLINO, Gleidson Alves; MARCOLINO, Cledinilson Alves. O sagrado no museu. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 37-47. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

CAMPOS, José da Silva Barbosa de. Preservação da cultura Kaingang pelo conhecimento dos antepassados. In: *Povos indígenas e psicologia. A procura do bem viver*. São Paulo: Conselho Regional de São Paulo, 2016, p. 58-63.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu. Resistência e defesa da cultura Kaingang. In: *Povos indígenas e psicologia. A procura do bem viver*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2016. p. 53-57.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu.; MELO, Susilene Elias de. Ética – remanescentes humanos em museus. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 32-36. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

org/10.11606/9786599055706.

PEREIRA, Dirce Jorge Lipu.; MELO, Susilene Elias de; MARCOLINO, Itauany Larissa. M. Museu Worikg – Kaingang, T.I. Vanuíre. In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus etnográficos e indígenas: aprofundando questões, reformulando ações*. São Paulo: SEC-SP, ACAM Portinari, Museu Índia Vanuíre, MAE-USP, 2020. p. 85-88. <https://doi.org/10.11606/9786599055706>.

Visita

Museu Worikg - Terra Indígena Vanuíre, Arco-Íris, São Paulo.
Contato para agendamento de visita: Susilene (14) 99775 5460.
Facebook: Museu Worikg.

Recebido em 23 de janeiro de 2021

Aprovado em 04 de abril de 2021